



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

PAMELA SIQUEIRA JORAS

(Entrevista)

2018

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-846

Entrevistada: Pamela Siqueira Joras

Nascimento: 21/02/1988

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte – Porto Alegre, RS

Entrevistadora: Mayara Cristina Mendes Maia

Data da entrevista: 23/01/2018

Transcrição: Bruna Moraes Costa

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Pesquisa: Mayara Cristina Mendes Maia e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 19 minutos

Páginas Digitadas: 26

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Tese de Doutorado de Mayara Cristina Mendes Maia intitulada *(Des)impedimentos no futebol de mulheres: coloradas e gremistas de volta aos campos* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano em 2021

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no futebol; Impedimentos vivenciados; Experiência como jogadora; Curso de arbitragem; Atuação como árbitra; Diferenciação de tratamento entre árbitros; Principais competições que atuou; Afastamento e retorno para arbitragem; Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino; Experiências nos jogos do Internacional; Experiências nos jogos do Grêmio; Estresse pré jogos; GreNal; Xingamentos; Disparidade entre equipes; Federação Gaúcha de Futebol.

Porto Alegre, 23 de janeiro de 2018. Entrevista com Pamela Siqueira Joras a cargo da pesquisadora Mayara Cristina Mendes Maia para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. - Obrigada Pamela, por nos conceder essa entrevista. Você poderia nos contar como foi a sua entrada no futebol?

P.J. - Bom, eu comecei no futebol ainda pequena, como a maioria das mulheres que começam a jogar futebol. Eu comecei na rua, com o meu irmão e o meu tio que é da minha idade também e a gente brincava com o pessoal da vizinhança e o jogo era sempre de futebol. Eu era sempre a única menina, eu tenho uma diferença de três anos de idade do meu irmão mais velho, então, as minhas brincadeiras acabavam sendo todas com ele. Daí a principal brincadeira, a principal atividade era o futebol, depois disso eu comecei a estudar e na escola era muito dividido: era futebol para os meninos e vôlei para as meninas ou a gente brincava de caçador ou queimada. As meninas e os meninos sempre jogando futebol e como eu já estava acostumada a jogar futebol em casa, eu queria brincar de futebol também, só que na escola isso não era permitido. Então ali pelos 9 anos de idade começaram as escolinhas esportivas no contraturno da escola, então, tinha handebol, atletismo, vôlei, basquete e futebol. Eu sempre gostei muito dessas atividades todas e eu acabei entrando em todas, só que naquele período tu precisava de autorização dos pais para entrar nessas escolinhas que eram gratuitas e a minha mãe e o meu pai: “Futebol não, futebol não é coisa de menina.” E era a única atividade que eu não podia fazer.

M.M. - Primeiro impedimento...

P.J. - É foi o primeiro impedimento, era a única atividade que eu não podia fazer. E sempre no contraturno da escola eu ia para o ginásio ou para a quadra para treinar e como eu ficava muito tempo fora de casa no contraturno da escola eu acabava fugindo deles e treinando futsal do mesmo jeito. Futebol e futsal eu treinava e aí foi que aí eles descobriram que eu estava jogando e tudo mais e acabaram permitindo sim. Meio a contra gosto, mas acabaram permitindo que eu praticasse. E competitivo mesmo foi a partir dos 9 anos que eu comecei a praticar, foi meu primeiro campeonato com 9 anos e meu início foi ali pelos 6 anos na rua brincando com a molecada mesmo.

M.M. - E você já teve experiência em universidade, em algum time específico como jogadora?

P.J. - Bom, quando eu comecei no futebol eu nunca mais parei. Eu participei das equipes universitárias da UFSM, Universidade Federal de Santa Maria, ainda participo um pouco aqui do time da Universidade Federal do Rio Grande do Sul aqui da UFRGS, mas eu sempre tive em algum time, ou como treinadora ou como auxiliar. No período da minha gravidez eu fui preparadora física de uma equipe.

M.M. - Ela tem uma menininha. Quantos anos ela tem?

P.J. - A minha filha tem 9, vai fazer 10 anos agora. Então, eu sempre tive muito envolvida e na minha cidade eu acabei montando uma equipe junto com um amigo meu, que era meio que um sonho. Fundamos essa equipe que existe até hoje, eu me desvinculei, ele também, mas equipe ainda existe e participei de outras equipes de futebol também pelo Estado, joguei em algumas, joguei alguns campeonatos também intermunicipais.

M.M. – Você lembra de alguns nomes?

P.J. - Joguei no Inter¹ de Santa Maria², que na época a gente chamava de Interzinho, no Flamenguinho³ de Alegrete⁴ eu joguei também, mas eram sempre alguns jogos, porque como as equipes eram sempre longe da nossa cidade isso não facilitava muito.

M.M. - Questão geográfica...

P.J. - Isso. Eram apenas alguns jogos, eu não mantinha um vínculo com as equipes de fato. O vínculo que eu mantive mesmo foi com essa equipe que eu fundei e com essas equipes universitárias.

¹ Esporte Clube Internacional.

² Município do Estado do Rio Grande do Sul.

³ Flamengo Futebol Clube.

M.M. - Essa equipe que tu fundou tinha nome assim específico dela?

P.J. - Era Garra Futebol Feminino, era do município de Restinga Seca⁵, que é minha cidade natal.

M.M. - E dentro dessa sua vivência nos times você passou por mais impedimentos, como o preconceito da tua família?

P.J. - Quando tu começa a praticar futebol tu sempre enfrenta muitos impedimentos, só que em determinado período da vida tu não consegue identificar muito bem porque tu não está familiarizada com aquilo. Então quando tu é muito nova algumas coisas acontecem e tu acaba não percebendo, só vai começar a identificar isso ao longo da vida. Certamente na minha pré-adolescência e adolescência eu devo ter enfrentado muitas coisas, mas eu comecei a perceber mesmo a partir dos meus 15, 16 anos de idade. E aí é sempre os mesmos xingamentos: “Vai lavar uma louça.” “Vai para casa”, aqueles xingamentos que a gente escuta até hoje no estádio e a gente começa a perceber que no meio também existe muito preconceito, não só por parte de torcida, de organização, mas às vezes até das próprias jogadoras da equipe. Então foram vários que eu enfrentei desde que comecei e continuo enfrentando até hoje.

M.M. - E você pensou em se profissionalizar dentro desse espaço?

P.J. - A minha tentativa inicial foi sim de profissionalizar, principalmente quando eu comecei a ter vínculo com equipes que disputavam os campeonatos mais importantes do Estado. Só que pela dificuldade geográfica e também financeira eu comecei a perceber que aquilo para mim não era viável, então eu pensei: “Eu vou estudar e quem sabe eu consiga trabalhar com isso mais tarde.” E acabei optando pela Educação Física e dentro da Educação Física optando por futebol e futsal, que é o que eu venho trabalhando até hoje.

M.M. - E quando você decidiu arbitrar?

⁴ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

⁵ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

P.J. - Olha, ninguém nasce com o sonho de ser árbitra de futebol e nunca tinha me imaginado apitando, porque é uma coisa muito difícil de fazer. É difícil de começar, é difícil de continuar, é difícil de manter e quando se é mulher apitando ainda é mais difícil, então, nunca passou pela minha cabeça que algum dia eu pudesse apitar. E essa ideia começou a aflorar em 2014 aqui na UFRGS⁶, quando nós fizemos um curso de arbitragem só para mulheres e aí como o Centro de Memórias estava organizando e participando eu acabei assumindo a organização desse curso, até porque era vinculado com futebol, que era o tema da minha dissertação e também porque era a minha paixão. A minha paixão até hoje e acabei, no decorrer desse curso, como eu acompanhei esse curso do início ao final, eu acabei fazendo o curso e aí quando eu fui para a parte prática que eu percebi que se já era difícil jogar, imagina apitar, era muito mais difícil...

M.M. - Imagina... É verdade, os palavrões e as piadinhas...

P.J. - Muito mais complicado, muito mais difícil. Tu perguntou do impedimento, na arbitragem é o triplo eu acho, talvez, do futebol e eu tive as duas experiências... Só que para mim isso é motivação, quanto mais eu falo que eu não posso, mais eu quero e aí foi mais ou menos isso que aconteceu, eu acabei me apaixonando. Um dos palestrantes do curso falou um dia para nós que o apito era um vício e realmente, depois que tu começa apitar e tu sente o gosto de estar ali comandando uma partida, de estar arbitrando, de estar... Não sendo o centro, mas participando de coisas importantes de um jogo de futebol, que é uma coisa importante, porque como jogadora tu tem um período um tanto quanto curto de atividade e como árbitra esse percurso acaba sendo mais longo por causa da idade. E tendo a oportunidade de eu continuar ainda naquele meio, para mim foi viciante, continua sendo viciante e não pretendo largar tão cedo.

M.M. - E dentro desse curso, além do CEME⁷, tinha outras organizações vinculadas?

P.J. - Tinha.

M.M. - Você lembra quais eram?

⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

P.J. - Sim. O Projeto Guerreiras Project⁸ estava nesse curso apoiando, a FUNDERGS⁹, que é a Fundação de Esporte aqui do Rio Grande do Sul, que agora foi extinta, a Associação Gaúcha de Futebol Feminino e se eu não me engano a Secretaria de Esportes do Estado¹⁰, eram esses os apoiadores do nosso evento. Mas efetivamente quem estava a frente desse projeto... Era um projeto enorme, era um programa chamado Programa Futebol e Mulheres¹¹ e dentro dessas atividades existia esse curso. Só que quem estava mais a frente e organizando e contatando as pessoas para participar desse programa que era gigantesco era o Centro de Memória e a Associação Gaúcha de Futebol Feminino, com o apoio claro, porque todo o projeto a gente precisa de financiamento, com o apoio da FUNDERGS.

M.M. - Além desse curso, você já fez outros ou pretende fazer? Tem planos de novos cursos?

P.J. - Quando tu começa no mundo da arbitragem tu nunca pode parar de estudar. Nunca! Porque as regras se renovam todo ano, são interpretações diferentes a cada lance, em cada jogo e às vezes tu olha o mesmo lance cinco, seis, sete, oito vezes e tu ainda continua com dúvida, então, tu nunca pode parar de estudar. Eu fiz esse curso em 2014, de lá para cá fiquei aguardando o curso da Federação Gaúcha que não aconteceu, acabou não acontecendo, ele até aconteceu num período bem curto, depois que eu terminei o curso do... Esse curso que eu te falei, mas por condições financeiras, porque é um curso muito caro, da Federação, eu acabei não fazendo e aí passou, me preparei, me organizei melhor e esse ano, tem o projeto já, o edital abre no próximo mês, fevereiro e abre o curso da Federação Gaúcha e é o meu grande objetivo para esse ano, ser arbitra federada do quadro do Rio Grande do Sul, que a gente ainda não tem nenhuma, só tem assistentes. Então o meu foco, o meu objetivo para esse ano é ser árbitra federada principal do quadro da FGF¹².

⁷ Centro de Memória do Esporte.

⁸ Coletivo que tem como objetivo o empoderamento de mulheres por meio do futebol. Reúne ativistas, intelectuais e artistas

⁹ Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul.

¹⁰ Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul.

¹¹ Programa de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do sul coordenado pela professora Silvana Vilodre Goellner.

¹² Federação Gaúcha de Futebol.

M.M. - Agora vamos para as perguntas mais complicadinhas [risos]. Você sentiu diferenciação de tratamento entre os árbitros, por uma questão mais de gênero ao participar das competições desde que você fez o curso?

P.J. - É inevitável! Sempre existe uma diferença, principalmente porque são poucas mulheres. Quando a gente vai, quando a gente começa a participar desses jogos e não somos muitas, acaba que somos sempre as mesmas, e a gente acaba ficando conhecida entre os árbitros e as árbitras, mas logo no começo é complicado, é difícil, porque a tua competência está sempre em suspeição: “Faz isso, faz aquilo...” Parece que eu não fiz o mesmo curso que eles, parece que eu estou ali... E é óbvio que...

M.M. - Tem que estar provando, porque só o título não...

P.J. - Quando a gente é novato no meio as pessoas acabam te dando um suporte maior e te ensinando algumas coisas, mas isso era o tempo todo. Então parecia que eu não sabia fazer o que eu estava fazendo e isso foi uma das coisas que eu mais notei assim. A questão do vestiário também, que a gente nunca sabe muito bem como agir, ainda até hoje...

M.M. - De troca de roupa, de comunicação?

P.J. - É, de comunicação talvez até que não, porque daí também existe uma outra diferença que é ser árbitra principal e ser árbitra assistente. Logo que eu comecei eles não me convocavam para ser árbitra principal, eles me convocavam para ser árbitra assistente, que é uma coisa que eu nunca gostei de ser. Eu sempre quis ser árbitra principal, então tu escuta muito, tu ouve muito a orientação do árbitro e tal. Mas existe sim, mesmo que seja velado uma espécie de preconceito, que não aparece nas palavras, mas aparece nas atitudes, nos gestos e no tratamento que é diferenciado para um colega árbitro e para uma colega árbitra.

M.M. - E dentro desse período de 2014 para cá, você lembra competições que você já atuou ou então as principais?

P.J. - Como eu te falei, minha carreira ainda é muito curta, são três anos de arbitragem e em 2014, logo que a gente terminou o curso de arbitragem, nos colocaram em competições

oficiais. Apitei alguns jogos amistosos, participei do Campeonato Gaúcho de Várzea que acontece até hoje em Porto Alegre e a minha grande competição, é óbvio, foi o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino, já em 2014 e aí em 2015, metade de 2015 eu decidi que eu ia parar. Pode-se dizer que foi uma briga interna, entre as árbitras e as direções dos campeonatos e do Sindicato¹³ na época que era quem nos chamava, nos escalava para os jogos, então, ocorreu uma divergência nesse grupo que foi bem forte assim, bem grave e daquelas trinta mulheres que começaram no curso junto comigo cinco optaram por serem árbitras principais e o restante por serem árbitras assistentes. Dessas trinta sobraram três árbitras principais e duas assistentes, então, ao longo do caminho a gente perdeu muitas mulheres e eu acabei ficando muito chateada com aquela situação e o sistema está tão naturalizado que às vezes tu bater de frente com ele, quem se dá mal é tu. Então para não entrar em uma briga que eu sabia que já era perdida, eu acabei decidindo largar o apito. “Vou largar, não quero mais, apesar de gostar muito, tem coisas que eu não consigo engolir.” E larguei em 2016. Final de 2016 eu fui procurada por um dos caras que na época foi palestrante do curso e também estava envolvido no Sindicato dos Árbitros e ele me chamou: “O que está acontecendo e tal?” Aí eu expliquei mais ou menos o que tinha acontecido, porque querendo ou não, quando tu reclama daquilo: “Está reclamando porque é mulher, porque não sei quê.” Eu não queria mais aquilo para mim, aí eu expliquei para ele o que tinha acontecido e ele: “Mas tu gostava tanto, tu era boa naquilo que tu fazia, vamos tentar mais uma vez?” E eu: “Vou pensar.” E nesse período eu acabei me aproximando de uma árbitra assistente e a gente virou muito amiga, começamos a conversar muito sobre isso, sobre as mulheres na arbitragem, muito, muito, muito, e ela dizia para mim que ela não percebia essas coisas, que com ela nunca tinha acontecido. Eu falei: “Olha só, aconteceu, tu que não está vendo!” E é aquilo que eu te falei, que às vezes a gente não percebe que acontece.

M.M. - Que acha que é uma luta só sua, que é uma coisa que não...

P.J. - É, e aí ela falou assim para mim: “Mas aí que está, vocês estão reclamando que não tem, mas não tem porque vocês saíram. Vocês não estão lá, a gente tem que ocupar o lugar que é nosso.” Eu disse: “Está bom, vamos tentar mais uma vez então.” E voltei e quando voltei, já voltei para apitar Campeonato Gaúcho e eu falei: “Eu não vou ser assistente, eu

¹³ Sindicato de Árbitros do Estado do Rio Grande do Sul.

vou apitar, eu não quero ser assistente, vocês têm que confiar no meu trabalho.” Só que logo que tu começa... Arbitragem sempre vai ter erro, não adianta, em todos os jogos, em qualquer nível de futebol sempre vai ter erro, pode ser FIFA¹⁴ que vai ter erro, entendeu? Só que tu tem que procurar errar menos e eu comecei apitar, comecei apitar e é impressionante como tu vai melhorando a cada jogo, melhora um gesto aqui, um apito ali, um interpretação lá e nunca é um trabalho solitário. É um trabalho em equipe, são três pessoas, não é uma pessoa que apita o jogo, são três, mais quem está do lado de fora e aí eu comecei a... Eu disse: “Olha só, eu estou aqui e aí logo que eu voltei já voltaram mais duas.” E a gente foi se unindo e foi brigando e foi lutando por aquilo e aí eu pensei: “Vou continuar, vou continuar e vou seguir.” E essa menina que falou para mim que não tinha percebido nada até então, ela começou a perceber o que estava acontecendo, daí ela: “Bah¹⁵, Pamela, eu nunca tinha visto isso.” Eu disse: “Tu nunca tinha percebido isso, mas sempre aconteceu.” E a gente começou a se unir, as árbitras começaram a se unir e começamos a participar e apitar muitos jogos e o Sindicato também acabou nos apoiando, nos trouxe de volta, nos bancou no Campeonato Gaúcho, colocou várias vezes trio de mulheres para apitar e sempre que podia mulheres é como eu te falei, um passo de cada vez. A conseguiu apitar o Campeonato Gaúcho do início ao final com mulheres, mas nós não temos que apitar só jogos de mulheres, nós temos que apitar outros jogos também, porque às vezes eles acabam nos convocando para apitar jogo feminino e daí quando vai para o masculino eles nos colocam de assistente e a ideia não é essa. Então é uma luta ainda bastante longa, mas que a frase que ela me falou faz muito sentido, se a gente não ocupar o lugar que é nosso alguém ocupa. Então esse Campeonato Gaúcho agora de 2017 foi uma grande provação para todas nós, aconteceram muitas coisas durante o Campeonato que foi não só para o nosso crescimento, mas acabou repercutindo na mídia também e internamente o Sindicato também acabou reformulando algumas coisas. E para 2018 é expectativa para ver o que vai acontecer, são várias mudanças previstas para o Campeonato Gaúcho, não só para o Campeonato Gaúcho, mas também para arbitragem também, então estamos no aguardo.

M.M. - E essas cinco mulheres que estão, você pode dizer os nomes, você lembra?

¹⁴ Federação Internacional de Futebol.

¹⁵ Expressão regional do Sul do Brasil.

P.J. – As árbitras principais que ficaram é a Marlova Boeck¹⁶, que participou do Campeonato Gaúcho também; a Mariana Caetano, que também participou do Campeonato Gaúcho comigo; a Vera Müller e a outra assistente que ficou foi a Alice Bueno, que ela ficou durante o período, mas acabou abandonando também mais tarde, e eu. No Campeonato Gaúcho de 2017 fomos seis mulheres, se eu não me engano fomos seis, a Marlova que eu já citei, a Mariana e eu como árbitras principais e como assistentes a Ariela Duarte, a Vera Müller, a Estefani¹⁷ e eu acho que foram essas seis. Só que a Estefani e a Ariela¹⁸ elas já são do quadro da Federação Gaúcha, do curso de Futebol e Mulheres aquele de 2014 foram as três arbitras principais e a Vera, então daquele curso para o Campeonato Gaúcho de 2017 fomos quatro.

M.M. - E como foram apitar os jogos do Inter¹⁹?

P.J. - [risos] Do Inter especificamente?

M.M. - Sim.

P.J. - É como eu te falei. Quando a gente começa apitar eles no seguram muito para jogos importantes, justamente pelo medo do erro e por não acreditar muito no teu trabalho e eles também... É claro que a tua performance, vamos dizer assim, repercute depois da partida, mas entre tu escutar uma avaliação sobre uma partida e tu vê uma atuação em uma partida são coisas bem diferentes. E a maioria dos jogos que eu fiz não foram em Porto Alegre, então nunca eram muito vistos. O primeiro jogo do Inter que eu apitei já foi nas quartas de finais...

M.M. – Você fez treze jogos, não foi, ao todo?

P.J. - Fiz treze jogos no Campeonato. Foi em Lajeado²⁰ contra a equipe do Guarani²¹, o jogo de ida do Inter: Guarani e Inter, foi a minha primeira partida lá e foi uma partida

¹⁶ Marlova Inajara Boeck de Oliveira.

¹⁷ Estefani Adriati Estrela da Rosa

¹⁸ Ariela Duarte da Silveira.

¹⁹ Sport Club Internacional.

²⁰ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

²¹ Guarani Futebol Clube.

muito tranquila, porque infelizmente hoje a gente tem uma polarização do Campeonato Gaúcho que é o Grêmio²² e o Inter. E a equipe do Inter era tecnicamente superior à do Guarani e o placar acabou sendo bem elástico, e quando os placares são elásticos às vezes a partida não te exige muito na questão disciplinar. O Campeonato Gaúcho é bem tranquilo, algumas partidas que destoam, mas não era um jogo muito competitivo assim, então foi muito tranquila a minha partida com o Inter. Depois daquela eu apitei outros jogos e aí acabavam sempre me deixando na reserva para jogos de Grêmio e Inter e eu acabei apitando um jogo do Inter. Depois daquilo só na semi final de volta, entre Internacional e Black Show que foi o jogo no Beira Rio²³ que tinha uma pressão extra [riso] no jogo, não só porque era no Estádio Beira Rio que já é uma grande responsabilidade, é um grande estádio, mas também porque eu seria a primeira mulher a apitar uma partida no Beira Rio. A primeira árbitra e além disso o jogo também seria transmitido que, para nós da arbitragem feminina, também seria uma novidade e além disso também era um... A previsão era que seria um trio de mulheres, acabou não sendo, por questões extracampo, que aconteceram no decorrer da semana e acabaram dando uma pressão a mais para a partida, que são coisas que acontecem, infelizmente, e também era um jogo de semifinal, que no regulamento do Campeonato Gaúcho de 2017 a gente não tinha a diferença no saldo de gols. Era unicamente pelo placar, então o Inter tinha ganhado o jogo de ida, lá na casa do Black Show e se o Black Show ganhasse do Inter no Beira Rio a partida iria para os pênaltis, independente do placar. Era um jogo também de vale tudo, então para mim foi particularmente, uma responsabilidade muito grande. O pré-jogo foi bem estressante, daquele jogo e eu confesso para ti que quando eu entrei no túnel para entrar na partida, que as equipes estavam ali perfiladas e as crianças para entrar, aquele clima todo do estádio... Quando eu adentrei o túnel com os meus assistentes eu acho que eu nunca senti um nervosismo tão grande na minha vida, aí eu entrei e respirei fundo, o túnel tapado de câmeras na entrada, tinha toda uma cerimônia e tudo mais. A gente não era acostumada com aquilo, que não é a realidade do nosso Campeonato Gaúcho e repórter e tudo mais. Aí quando nós adentramos, o gramado, a torcida do Inter começou a acender sinalizadores, a cantar e a... O Estádio cantando, apesar do público, em relação ao estádio, ser pequeno para o futebol feminino já era muito, então, quando eu cheguei ao meio campo eu chamei as capitãs, eu já tinha conversado com os assistentes no vestiário, o Fábulo

²² Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

²³ Estádio do Sport Club Internacional.

Diniz²⁴ e a Andréia Tedesco, a Andréia também participou do Campeonato Gaúcho e ela também participou do curso Futebol e Mulheres, lembrei que faltava uma. A Andréia já tinha trabalhado no Beira Rio antes e eu e o Fábulo não. Eu já tinha conversado com eles que eu sempre falo que eu sou uma árbitra informação e eles já eram bem mais experientes do que eu, porque eu parei um período de apitar. Falei que o jogo não era meu, o jogo era nosso, então que eu precisava da ajuda deles e eles da minha. E eu fiquei pensando muito naquela partida durante a semana, eu pensei: “Essa responsabilidade é nossa também, mas as protagonistas do jogo são as duas equipes, então esse trabalho de hoje vai ter que ser em conjunto, delas e nosso.” Eu chamei as duas capitãs para o meio do campo e falei para elas: “Olha, eu sei que é um momento importantíssimo, não só para nós, para vocês também, para muitas é primeira vez jogando em um estádio de grande porte...” E elas também não tinham a certeza se iam jogar ali outra vez, talvez fosse a única. “Então eu queria pedir para vocês que hoje a gente fizesse um trabalho em equipe.” E no meio do campo a gente faz o que a gente... Brincadeira... Fechamento, quando a gente vai apitar, o árbitro coloca a mão embaixo, os outros dois assistentes colocam as mãos em cima e a gente deseja uma boa partida e aquele dia eu pedi que as capitãs fizessem isso junto conosco. Então fomos nós cinco: o trio da arbitragem e as duas capitãs e fomos para a partida. Os quinze minutos iniciais para mim foram um inferno na minha vida, porque a gente estava usando o rádio e estava dando interferência do rádio da segurança do Internacional, então eu não estava ouvindo os meus assistentes no rádio. Eu estava ouvindo os seguranças do estádio e além de tudo um dos rádios não estava funcionando o microfone de uma assistente, então ela me escutava, mas eu não escutava ela. Foi bem estressante no começo da partida, não conseguia me concentrar para apitar, pensando nos problemas e aí, para minha sorte, não aconteceu nenhum lance crucial nesse momento e eu acabei entrando no... Eu pensei: “Bom eu fiz o Campeonato inteiro sem rádio e é um campo como qualquer outro, não é um campo como qualquer outro, porque era muito maior do que os outros, mas era um campo... Eu já estava acostumada com aquilo, já tinha feito mais de dez jogos e nesse momento e eu acabei esquecendo do extra e: “Vou fazer meu trabalho como ele deve ser feito.” E fiz sem pensar em nada, só no jogo, só nos lances, só na partida, só nos assistentes parecia que eu estava no meio do nada, apitando uma partida com as duas equipes ali e deu o intervalo, sempre pressionando muito, principalmente a comissão técnica do Inter que reclama muito o campeonato inteiro, ainda mais em casa, em uma semifinal e eu não gostei

²⁴ Fábulo Oliveira Diniz.

muito do meu primeiro tempo dessa partida. Até conversei com meus assistentes no vestiário e voltei para o segundo e quando eu volto para o segundo eu volto completamente diferente, é claro que mais desgastada fisicamente, mas eu disse: “Esse jogo, eu não posso perder esse jogo, esse jogo tem que ser meu.” E foi, graças a Deus foi uma das minhas melhores atuações na minha análise e eu assisti a partida algumas vezes depois. Foi um jogo bem difícil, apesar do placar elástico, se eu não me engano essa partida foi 8x0 para o Internacional, mas foram duas expulsões e dois gols anulados. E quando tu anula gol do time da casa já é complicado, anular dois é mais ainda, anulei dois gols nessa partida, analisei depois a filmagem...

M.M. - A Byanca Brasil²⁵ estava impedida...

P.J. - É eu fiquei ali assim: “Será que estava?” Mas estava, acertei os dois lances, acertamos, eu e o assistente o Fábulo. E acertei também nas expulsões, nas duas e quando acabou a partida que eu dei o apito final fui para o meio do campo, agradei a minha equipe, entrei no vestiário e quando eu entrei no vestiário eu entrei muito cansada óbvio. Estava muito quente aquele dia, mas eu entrei muito satisfeita com o que eu tinha feito, com o que a gente tinha feito, um momento histórico para o futebol de mulheres. Desde 2001 sem uma partida em um estádio grande, a primeira mulher a apitar uma partida em um grande estádio e enfim, sai muito feliz daquele jogo e aí, depois que as coisas acalmam, tu pensa melhor na partida e fui conversando com eles sobre os lances, sobre o que tinha acontecido, reassisti o jogo várias vezes porque fica disponível na Internet depois. Os comentários eu não escuto muito, porque são torcedores e a arbitragem é sempre muito criticada nos jogos, todos eles. E o Inter tinha vindo de um jogo complicado na PUC²⁶, é que um colega tinha apitado e eles não concordaram muito com as decisões do árbitro e, enfim, a arbitragem estava ali sob uma pressãozinha a mais, sob uma suspeição a mais e eu fui elogiadíssima no final daquela partida. Não só por quem estava ali comentando, mas também pela equipe do Internacional e pela equipe do Black Show que também depois do jogo vieram me cumprimentar. Depois eu avalei bastante a partida e fiquei feliz, claro que pela minha atuação, pela atuação da equipe de arbitragem, mas pelo exemplo que eu tinha dado naquele dia para várias mulheres que queriam estar ali tanto quanto eu. E não somos poucas, éramos trinta no curso, desistimos por motivos talvez alheios a nossa vontade e

²⁵ Byanca Beatriz Alves de Araújo.

para mim foi muito significativo estar dando esse exemplo e representando as mulheres que desejam adentrar na arbitragem ou continuar nela.

M.M. - Ela apitou muito bem gente, teve um lance que, sério, a menina levou como se fosse um ombro a ombro, sabe? E ela pediu falta, ela perdeu a bola e pediu falta e a Pamela não marcou. A menina foi deu quase uma voadora na outra jogadora do Inter e tipo a nossa orientadora... A gente vê de um ângulo diferente, aí a nossa orientadora que estava no jogo, a professora Silvana²⁷, perguntou: “Isso foi o quê Mayara? Foi falta?” Disse: “Isso foi falta!” E na hora que eu falava a Pamela apitava daí eu: “A gente está pensando igual...” Foste muito bem no jogo.

P.J. - Esse lance que a Mayara está comentando foi o primeiro lance da expulsão que deu uma confusão nesse lance, porque ela fez a falta só que ela se machucou no lance, ela machucou a menina adversária e se machucou e as duas ficaram caídas no gramado. Aí eu chamei os assistentes, o carrinho e a equipe dela já foi muito... O futebol feminino já é... Mas aqui elas são mais malandras ainda, aí quando ela saiu na assistência para receber o atendimento médico a equipe dela de imediato já providenciou a substituição porque ela ia tomar o segundo cartão e ia ser expulsa. E e a capitã do Inter já veio me cima de mim: “Tu não vai dar cartão?” E eu disse: “Vou, para ti, tu quer?” [risos] E ela: “Não, não sei o quê.” Eu disse: “Deixa que eu vou resolver”.

M.M. - Tenho uma foto desse momento.

P.J. - Eu disse: “Fica longe que eu vou resolver.” E eu chamei a mesária, a delegada da partida no rádio eu disse: “Substituição de quem?” Mas como a gente estava com interferência no rádio, a gente não conseguia se entender...

M.M. - E aí não decidiam e eu ficava: “Pamela cartão...”

P.J. - Aí nesse meio tempo... Porque a nossa orientação é que a gente não pode dar cartão para jogador que está deitado, tem que esperar ele levantar e ela não levantava, muito esperta, não é? E eu esperei ela sair do gramado porque ela ia ter que levantar e mesmo do

²⁶ Pontifícia Universidade Católica.

²⁷ Silvana Vilodre Goellner.

lado de fora ela podia tomar cartão. Só que ela não levantou e eu não autorizei a substituição, porque o árbitro principal tem que autorizar e aí eu olhei e não autorizei. Só que quando eu olhei, não sei se a gente não estava se entendendo, a substituta entrou na partida sem a minha autorização, aí eu disse umas quatro vezes no rádio: “Eu não autorizei substituição, eu não autorizei, eu não autorizei.” E o carrinho já ia sair e todo mundo: “ah, não sei o quê.” E eu calma, tranquila, porque eu sabia da minha decisão e ela foi saindo no carrinho. Está na gravação, ela estava saindo no carrinho, puxei o segundo cartão e dei o vermelho. Só que quando eu puxei o segundo e dei o vermelho a outra menina já estava dentro do campo e eu: “Pode sair, pode voltar!” E eu deveria ter dado o cartão amarelo para a jogadora substituta porque ela entrou no campo sem autorização, mas no meu entendimento foi um erro de comunicação da arbitragem, entendeu? Então esse foi um lance meio polêmico da partida e fora os dois lances que eu anulei o gol. O primeiro a menina estava impedida e o segundo a zagueira tocou na bola antes da Byanca fazer o gol. Só que, quando a zagueira toca na bola é um lance de interpretação. “Ela tentou tirar a bola ou ela não tentou.” Sou eu que interpreto e na minha interpretação não foi um toque deliberado e quando não é toque deliberado não tira a tua posição de impedimento e aí eu anulei. Quando eu anulei, explodiu o banco do Internacional, eu: “Bem menos, bem menos porque se não eu vou voltar para...” Seguiu o jogo, aí aos quarenta e cinco minutos fui dar o acréscimo... Campeonato Gaúcho aqui ele tem... Tu pode fazer até onze substituições, é muita substituição e apesar do placar elástico...

M.M. - Tu pode tirar o time todinho e colocar...

P.J. - É, pode. E apesar do placar elástico eu dei cinco minutos de acréscimo e aí são vários fatores. Por que eu dei cinco minutos? Não precisava ter dado, não precisava ter dado nada de acréscimo. Na real, porque o critério do acréscimo é o arbitro, se eu entendi que a partida já estava encerrada, já estava encerrada e para mim já estava encerrada: 8x0, só que como era um jogo importante para todo mundo. A capitã da equipe disse assim: “Deixa a gente jogar mais um pouquinho, a gente nem sabe se a gente vai conseguir jogar aqui outra vez.” E eu já tinha dado os cinco minutos e aconteceu o lance da expulsão aos quarenta e nove, no último minuto do jogo: “Deixa a gente jogar mais um pouco.” Eu disse: “não, já deixei vocês jogar a mais, cinco a mais, então chega.” Mas o meu acréscimo foi pela importância do jogo, pelo momento que a gente estava passando, não foi pelo jogo em si.

E nos comentários da partida, eu escutando o jogo depois: “Os cinco minutos mais desnecessários da história do futebol.” Eu disse: “Meu querido, pensando comigo, vocês nem sabem o que essas meninas estão pensando, o que está passando pela cabeça delas, jogar em um estádio de um grande time do Rio Grande do Sul pela primeira vez e talvez a única naquele momento, então não queiram comparar o futebol masculino com o feminino, porque não há comparação, não tem como comparar.” E acabei dando cinco minutos, não me arrependo, daria mais talvez, mas é desnecessário através de que olhar? O de vocês que estão assistindo uma partida e pensando que é uma partida como outra qualquer ou o meu, que estou entendendo que momento a gente está vivendo?

M.M. - Parabéns pela tua oportunidade por ser a primeira mulher, pela tua garra de ter chegado até lá e pelo jogo em si que foi muito bem arbitrado.

P.J. - Obrigado!

M.M. - E além disso, como foi arbitrar os jogos do Grêmio agora?

P.J. - A minha primeira partida do Grêmio foi uma partida que não terminou. Na verdade, a partida terminou, mas não foram os noventa minutos. Eu, naquela partida, foi a minha a primeira da dupla, que a gente sempre trabalhou com jogos da dupla GreNal²⁸, óbvio e foi meu primeiro jogo da dupla, foi o jogo do Grêmio, que era Grêmio e Palestra de Carazinho²⁹ e nessa partida eu ia estar muito bem assistida: eram dois árbitros assistentes já com uma certa experiência e do quadro da Federação Gaúcha, assim eles já eram bem renomados. o Natan³⁰ e o Fábulo se eu não me engano. E era um jogo também na mesma situação do jogo do Internacional, que até então o Grêmio era a equipe de destaque do Campeonato Gaúcho com placar de 11x0, 8x0...

M.M. - E você não tinha apitado o Inter ainda, o primeiro foi o do Grêmio?

P.J. - Não, o primeiro foi o do Grêmio. O Grêmio chegou a fazer uma partida de 22x0, então eu sabia que seria certamente um jogo mais tranquilo. Só que, quando nós chegamos no estádio, o jogo foi em Guaíba, no Centro de Treinamento do Grêmio, quando nós

²⁸ Clássico entre os clubes I Grêmio e Internacional.

²⁹ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

chegamos a equipe visitante não tinha chegado e nós: “Bom, será que vai sair partida?” Já estava ali no período de tolerância, porque a gente sempre chega uma hora antes do jogo para fazer toda a preparação e tudo mais: reconhecimento do gramado, as redes, as goleiras, a marcação do campo e aí o jogo já era para ter iniciado e a equipe visitante não chegava. Eu pensei: “Bom, não vai ter jogo.” Aí acabaram chegando dois carros de Carazinho com sete jogadoras que é o mínimo que o Campeonato aceita, está nas regras. Não se pode iniciar uma partida com menos de sete jogadoras em campo e eu sabia que aquela partida não iria durar os noventa minutos porque já era... Elas tinham vindo só para não tomar punição e uma multa, acho que ficam dois anos fora do Campeonato Gaúcho se não viessem na partida e aí a partida iniciou e, para surpresa o Palestra jogou, ou pelo menos tentou jogar de igual para igual com o Grêmio. Era um dia muito quente, as partidas eram por volta das quatro horas da tarde, então, um sol muito intenso aqui no nosso verão e aos 29 minutos do primeiro tempo uma jogadora do Palestra, por orientação do treinador, caiu no gramado e supostamente tem uma crise de asma e eu tenho que encerrar a partida, por insuficiência de jogadoras. E foi um jogo bem tranquilo assim, o placar já estava nesse momento 9x0 se não me engano e bom, fizemos o nosso trabalho da melhor maneira possível. E o futebol aqui o Campeonato Gaúcho não passa muito na televisão, e acontecem vários jogos no mesmo dia em locais diferentes. O Globo Esporte aqui do Rio Grande do Sul passou uma nota, acho que de trinta segundos, sobre o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino e passou exatamente o meu jogo, o jogo que não tinha terminado e aí eu pensei: “*Bah*, que desserviço para o nosso Campeonato, com vários jogos, jogos lindos que aconteceram naquela rodada...” Porque era uma rodada definitiva, do lado mesmo do estádio que eu estava ali em Guaíba teve um jogão de bola, um jogo difícilíssimo de alto nível e não foi comentado. Foi comentada a minha partida que nem acabou, então, também é a mesma questão: a gente sabe o que acontece no Campeonato, porque essas meninas vieram de Carazinho, porque não veio a equipe inteira, então são coisas muito particulares do futebol de mulheres do Rio Grande do Sul que a gente tem que entender. Eu comentei isso com uma árbitra assistente e ela concorda comigo que apitar campeonato de mulher e campeonato de homem é diferente. Mas não é diferente pelo futebol, é diferente pelo entorno. Essas meninas, por exemplo, a equipe de Ijuí³¹ que participou do Campeonato Gaúcho, essas meninas viajavam oito, dez, doze horas para chegar aqui em Porto Alegre e

³⁰ Natan Borges dos Santos.

³¹ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

jogar. Chegavam na hora do jogo, cansadas da viagem, teve um dia que elas vieram e jogaram uma partida em Lajeado de manhã e de tarde jogaram outra aqui em Porto Alegre. Que equipe de Campeonato Gaúcho joga duas partidas no mesmo dia? Então tem algumas coisas que para ti apitar um jogo de futebol de mulheres aqui do Rio Grande do Sul tu tem que entender.

M.M. - Tem que conhecer o contexto extra campo...

P.J. - Tem que conhecer, exatamente. E tem árbitro que não conhece ou conhece e não se importa.

M.M. - Tem a qualidade técnica, mas não tem o conhecimento para lidar...

P.J. - Exatamente! E não é porque é jogo de mulher ou jogo de homem, não. É pelo entorno do Campeonato, não tem uma infraestrutura adequada, por mais esforço que se faça, as equipes não tem uma estrutura adequada, é muito no amor, muito na raça e na garra de querer participar de um Campeonato. É óbvio que para as equipes aqui de Porto Alegre e da região metropolitana as coisas funcionam um pouco melhor, mas para as equipes do interior é muito difícil, muito difícil...

M.M. - Já pega a minha próxima pergunta, mas você teve mais jogos com o Grêmio?

P.J. - Tive mais, eu tive Guarani e Grêmio também em Lajeado, foi um jogo tranquilo também...

M.M. - O Grêmio ganhou com um placar elástico também?

P.J. - Ganhou com placar elástico. Esse jogo foi interessante por dois motivos: o primeiro foi que os meus assistentes esqueceram a bandeira em casa [risos] e aí nós chegamos e eu... Mas, assim, é bom porque a gente aprende com os erros não é? Porque eu nunca levava bandeira em jogo nenhum, agora eu levo, eu disse: “Vocês vem trabalhar e não trazem o instrumento de trabalho?” Mas a gente acabou contornando a situação e deu tudo certo, mas na hora a gente fica nervosa. Depois que vem a risada e nessa partida também uma jogadora do Guarani passou mal, era um lance de tiro de meta para a equipe dela. Eu

lembro que eu estava olhando para o lance, para a goleira cobrar o tiro de meta e essa menina me olha com um olhar assim de quem estava pedindo ajuda. Ela me olha e cai no gramado, aí eu corri em direção a ela para ver o que estava acontecendo e as colegas dela falaram que era recorrente, que ela tinha isso sempre, que ela tinha esse problema já e quase toda a partida acontecia isso com ela. Eu disse: “Mas vocês não têm um acompanhamento e tudo mais, médico para saber o que estava acontecendo?” E ela: “Não, não ela sempre... Ela está acostumada já.” Foi o que elas disseram para mim e daí eu fiquei pensando sobre isso também, até no próprio cuidado que as jogadoras têm com elas próprias durante a partida. É mais uma vez a coisa da estrutura. Em um campeonato organizado isso jamais aconteceria e não era uma situação passageira, era algo que sempre acontecia e ela ficou desacordada um bom tempo. Ela ficou desacordada acho que uns dez minutos, eu chamei o atendimento médico e ela foi retirada do gramado e foi a minha segunda partida com o Grêmio. E depois disso com o Grêmio foi o primeiro GreNal, Grêmio e Inter no CT³² do Grêmio que eu participei como árbitra assistente número um. E também foi um jogo, um pré jogo muito estressante, porque nesse período a equipe do Internacional... Porque existe uma reunião com comissão, com equipe de organização, a equipe do árbitro, o representante dos árbitros e as representantes das equipes que vão participar da final e a final era GreNal e aí a equipe do Internacional reivindicou uma arbitragem que eles alegaram de um nível um pouco maior. O argumento deles, do representante do Inter é que eles queriam um árbitro federado para apitar essa partida e nós árbitras não éramos federadas. Nenhuma de nós, nem eu, nem Mariana, nem Marlova, e naquela semana, foi uma semana que eu brinco que foi uma semana de guerra, porque a equipe do Internacional não queria...

M.M. - Como a do Grêmio reagia?

P.J. - A equipe do Grêmio era indiferente. Para eles, o representante do Grêmio, o Yura³³, falou que para eles era indiferente a arbitragem continuar sendo o que tinha sido até então ou se fosse uma federada. A questão era as diferenças nos valores que eram pagos para a arbitragem, não posso te confirmar se são valores reais que foram postados no meu Facebook, porque naquela polêmica da semana uma mídia alternativa largou uma reportagem que o Internacional não queria mulheres apitando a final e em resposta o

³² Centro de Treinamento.

Internacional disse que não era porque eram mulheres, era porque nós não éramos federadas. Acho que é um integrante da torcida do Internacional ou de repente quem estava na reunião, eu não conheço a pessoa que postou, postou uma foto de um orçamento realizado para essas duas partidas da final com árbitros de nome que eram as primeiras opções da equipe do Internacional que eram o Anderson Daronco, que é um dos melhores árbitros do Brasil hoje, o Jean Pierre³⁴ que é bem renomado aqui no Rio Grande do Sul. Depois deles árbitros da Federação, com orçamento também alguns nomes e arbitragem feminina, no documento... Não era um documento, mas nesse papel está escrito o nome dos árbitros e o orçamento, e quando somos nós é arbitragem feminina e o orçamento...

M.M. - Qualquer mulher que fosse, sem medir qualidade... Era aquilo...

P.J. - Então essa arbitragem do Daronco, do Jean girava em torno de seis mil reais mais ou menos por partida; a arbitragem da Federação Gaúcha girava em torno de mil e seiscentos se eu não me engano os valores, e a nossa girava em torno de oitocentos reais por partida. E éramos cinco mulheres não éramos três, que a decisão foi de colocar duas árbitras adicionais, então seríamos um quinteto. E aí durante a semana era uma briga aqui uma briga lá e nós árbitras mais uma vez acabamos nos unindo nessa semana e acabamos vencendo. Claro que tivemos apoio, mas acabamos vencendo essa batalha e apitamos o primeiro jogo da final. Eu fui árbitra assistente e a Marlova Beack que foi a árbitra principal; a Estefani Estrela a segunda... Não, a Estefani foi quinta árbitra. Mariana foi a quarta árbitra e assistente depois eu vou lembrar o nome para te falar e foi uma partida como se esperava: já começou bem tensa, houve falhas de comunicação naquele jogo também e, como eu te falei, eu não gosto de ser árbitra assistente. Eu gosto de estar lá no meio com o apito na mão e quando tu tem duas pessoas que fazem isso e fazem bem existe mais divergência ainda. Então ocorreram algumas falhas de comunicação nessa partida, mas em nada interferiu no resultado do jogo. Houve um lance que não foi dado um pênalti, que realmente foi, nós conversamos depois sobre isso, mas não interferiu no resultado, o placar acabou em...

M.M. - 2x1 não foi?

³³ Júlio Titow.

³⁴ Jean Pierre Gonçalves Lima.

P.J. - Acho que foi 3x1... Acabou 3x1 para a equipe do Grêmio, que demonstrou naquela partida uma certa superioridade sobre a equipe do Internacional. Até talvez pelo fator de estar jogando em casa e a torcida ficava muito próxima dos bancos e muito próxima de mim, que eu era assistente número. Eu acho que aquele foi um dos jogos que eu fui mais xingada na vida, foi aquela partida e não era xingamentos... Os que eu falei, os normais eram outros tipos de xingamentos. Os normais que eu digo é a questão do preconceito: “Vai lavar uma louça.” “Vai cuidar do marido.” Como se fosse o caso, mas eram outros xingamentos e quando eu entrei no vestiário eu brinquei com elas, com as outras árbitras. Eu disse: “Olha, eu nunca fiquei tão feliz de ser xingada.” E elas: “É? Não entendi.” “Porque pela primeira vez em uma partida eu escutei: árbitra, vai tomar no cu!” Mesmo sendo uma mulher apitando é sempre: “Árbitro, vai tomar no cu!” E dessa vez não, eles falaram árbitra. Então já demonstrava que a gente estava ali e que a gente ia ficar ali e que eles estavam se acostumando com a nossa presença.

M.M. - O que já era um xingamento que iria para um homem, não por questão de gênero...

P.J. – Exatamente e pela primeira vez eu tinha escutado “árbitra”, porque a gente nunca escuta, ou “juíza” a gente também nunca escuta. É sempre, apesar de ser mulher, juiz ou árbitro. Enfim, brincadeiras à parte, fomos para o vestiário ao final dessa partida e parece que saiu um peso sabe, porque a semana inteira foi de questionamento de competência. E a questão da taxa da partida, como eu te falei, a gente não estava nem aí para a taxa da partida, a gente queria trabalhar, queria mostrar que a gente era capaz de fazer aquilo.

M.M. - Que o espaço era merecido...

P.J. - E a gente foi capaz, porque como a gente costuma dizer amassamos barro do início ao fim do Campeonato, então, era injusto a gente ficar de fora da final. Não que isso não aconteça porque o meio é quanto mais nome tu tem, mais partidas importantes te espera. E nesse momento a gente não tem nome nenhum, porque a arbitragem feminina do Rio Grande do Sul é praticamente inexistente, reconhecida oficialmente pela Federação Gaúcha nós não somos. Então nos vestiários foi uma choradeira, cada uma fez um discurso diferente sobre aquele momento, antes e após a partida. Durante a gente só conversa sobre o jogo e antes da partida eu olhei para a Marlova que ia comandar o jogo e elas estavam

demonstrando um certo nervosismo assim sobre aquele momento. Eu olhei para ela e disse assim: “Tu é muito mais experiente do que eu e tu está muito mais preparada do que eu nesse momento, deixa o nervosismo de lado.” Olhei para ela assim: “Eu estou pronta e eu não estou nervosa. Eu vou entrar para te ajudar, olha para mim, conversa comigo e é isso que a gente vai fazer lá dentro. O nosso trabalho. Esquece as camisas de Grêmio e Inter, é uma partida de futebol e tu sabe apitar uma partida de futebol.” E nós entramos para apitar uma partida de futebol, só que não era uma partida qualquer e quando o jogo acabou elas... Eu não sou muito de chorar, mas as gurias algumas delas choraram, mas eu entendi aquele choro como um momento de alívio daquela pressão toda que a gente estava tendo e para mim aquele momento foi só um momento de pausa, porque eu sabia que na semana que vem tinha mais, que era o jogo definitivo e foi um jogo muito estressante. A final foi muito estressante, não só pelo pré jogo que também já tinha uma pressão adicional pelo erro do pênalti que não foi marcado a favor da equipe do Internacional que não interferiria em nada...

M.M. - Já estava 3x2 e o placar não importa...

P.J. - 1x0, 3x2, 5x0 não ia fazer a menor diferença porque era placar simples e se o Inter ganhasse de 1x0 do Grêmio a partida final já iria para os pênaltis de qualquer maneira. E aí fomos para a partida final o jogo terminou 3x1. Foi 3x1 ou 3x2? Acho que foi 3x1 para o Inter, o mesmo placar do Grêmio e partida foi para os pênaltis...

M.M. - Acho que foi 3x2.

P.J. - Foi 3x2? Eu não me recordo.

M.M. - Eu acho que o Grêmio fez 2x1 e aí o Inter...

P.J. - Eu me lembro que o Grêmio saiu na frente e o Inter virou a partida, enfim, o Inter ganhou a partida e foi para os pênaltis e nessa partida eu estava de quarta árbitra e da mesma forma e entendo perfeitamente: a Mariana árbitra estava muito nervosa para essa partida e a gente conversando e se ajudando e era o nosso momento de encerramento do ano, de temporada e falei para ela: “Fica tranquila, o que a gente poder fazer para te ajudar, a gente vai te ajudar, nós somos uma equipe.” E fomos para a partida e eu fiquei cuidando

do banco... Ficou uma árbitra, vamos dizer assim, cuidando de cada banco: a Marlova ficou no banco do Grêmio e eu fiquei com o banco do Internacional e eu já não... Acho que foi no começo da partida aconteceu um lance de pênalti, não marcado para o Inter, a favor da equipe do Internacional e, bom, elas precisavam ganhar e acho que logo em seguida o Grêmio abriu placar de 1x0 e banco explodiu. Eu prometi que aquele era um jogo que eu não queria colocar ninguém para a rua, porque era minha responsabilidade, mas era um jogo de final e eu sabia que alguém não ia terminar a partida de um dos dois lados. E o jogo continuou rolando e eu sempre tentando ponderar, porque sabia do momento que o Internacional estava passando e o Grêmio também, porque era a grande final do Campeonato e a rivalidade existente entre as duas equipes. A partida foi para os pênaltis e quando a partida foi terminar o banco do Inter começou a pedir para encerrar a partida. Só que já no final aconteceram dois lances de lesão e aí, claro, que tem que se dar um tempo adicional. E elas começaram a pedir para a partida acabar e um dirigente do Internacional que estava na torcida também começou a pressionar. Acho que talvez isso tenha até sido relatado em súmula e quando eu me virei para o banco do Inter, eu olhei para as jogadoras que tinham sido substituídas e para a comissão técnica e perguntei: “Todo mundo quer assistir os pênaltis, não quer?” Mas não falei com essa calma que eu estou te falando, óbvio. E aí todo mundo parou para me olhar e elas: “Sim, a gente quer assistir.” “Então todo mundo em silêncio até o final dessa partida, porque senão eu vou colocar todo o banco para a rua.” E foi a maneira que eu achei... Óbvio que eu não ia colocar todo o banco para a rua, senão eu não iria sair do estádio, mas alguém eu ia colocar para a rua. Mas aí, acho que até pela relação que eu tenho com algumas jogadoras do Inter e também com a preparadora física, elas me respeitaram naquele momento e também por isso eu tenha ficado de fora das partidas do Inter e talvez até do Grêmio também. Conheço algumas meninas, só que amizade é totalmente fora do trabalho, porque quando tu coloca o uniforme de arbitragem e tu pega o apito na mão tudo muda, tudo fica diferente. É óbvio que tu não enxerga as jogadoras como inimigas, mas elas não são do teu time, elas não são da tua equipe e tu tem que proteger e trabalhar com os teus, que é o meu trio de arbitragem e a minha delegada da partida. Porque os times não perdoam ninguém e a arbitragem mesmo acertando, ela vai ser xingada, então é muito diferente. Amizade é claro que facilita algumas coisas, mas também dificulta outras e por ter jogado também tem relação com algumas atletas de amizade e na hora de fazer a escala dos trios de arbitragem isso

pesou para mim, mas consegui tirar muito bem o Campeonato. Talvez agora no próximo eu consiga apitar algumas mais.

M.M. - Pamela, a gente já está com mais de uma hora de entrevista e não sei o quanto você está cansada. Você quer uma pausa para beber água, ir ao banheiro? Eu ainda tenho perguntas.

P.J. - Tu tem muitas perguntas?

M.M. - Acho que umas quatro.

P.J. - Tu que sabe, para mim é indiferente. Só tenho compromisso daqui a pouco.

M.M. - Então vamos fazer só mais duas e aí a gente vê. Pode ser?

P.J. - Pode ser.

M.M. - Você me falou do Grêmio e do Inter e eu queria saber sobre a disparidade que você encontrou nos outros jogos. Nos jogos que não eram dos times de camisa, como foi apitá-los?

P.J. - Bom, como eu te falei, com as equipes de menor porte as coisas são um pouco mais complicadas, não só pela questão financeira das equipes, da estrutura das equipes, mas também a própria técnica das jogadoras é diferente, porque essas meninas, muitas vezes, elas têm que trabalhar durante a semana, acabam se encontrando no sábado para realizar o treino e jogando no domingo. Então é óbvio que o nível é um pouco diferente. Essas equipes se igualam, mais ou menos na questão técnica, não são tão... É claro que tem algumas que são muito habilidosas, mas não é um time... Uma questão de vamos ter uma partida de 8x0, 11x0, por exemplo, então não são equipes que se igualam mais ou menos. A questão do gramado também é complicadíssima nessas equipes de menor porte, apresenta vários problemas. Eu fui apitar uma partida que eu achei que não ia conseguir terminar, porque estava chovendo muito e o gramado não escoava, o gramado muito pesado, eu tive câimbra nos minutos finais da partida, tive que apitar com câimbra mesmo, porque não importa, muita jogadora lesionada isso também é um problema...

M.M. - Tinha as ambulâncias nos jogos?

P.J. - Então, isso também é um problema porque o time da casa tem que providenciar para a partida uma ambulância e segurança. Claro que um suporte para as outras equipes e para arbitragem também, a questão da água, vestiário e tudo mais. Mas a partida não acontece se não tiver segurança e um profissional de saúde, ambulância, só que aí que está a brecha. Existe lá um regulamento que isso precisa acontecer, mas não diz como, então muitas vezes, não tem uma ambulância, tem um profissional da saúde ali, tem sei lá, uma enfermeira, tem qualquer pessoa, uma fisioterapeuta, representando um profissional da saúde, mas não tem ambulância. Tem o segurança, o segurança lá é o cara que faz a limpeza do estádio, não é de fato um segurança. Mas tem outros locais que não. Tem locais que tem ambulância, tem policiamento, é diferente, entendeu? Eu não posso de nomear as equipes porque é uma questão mais complicada, mas teve um jogo que tinha um responsável pelo Campeonato Gaúcho e quem acabou assinando como profissional da saúde e dessa partida foi a minha delegada do jogo, a minha mesária. Senão o jogo não iria acontecer e aí, muitas vezes, entra o bom senso. As equipes se deslocam, tem um gasto de deslocamento, tem um gasto para aquela partida que já é muito para essas equipes menores, que é um dinheiro que elas não têm e aí elas vão chegar lá, vão ter todo esse gasto e eu como árbitra vou dizer: “Não, essa partida não vai acontecer, não pode acontecer.” Só que se eu cancelar essa partida não é que ela não vai acontecer hoje, ela não vai acontecer mais, porque as equipes não têm dinheiro para bancar o resto. Então a gente tem que usar o bom senso às vezes, só que também eu não posso assumir essa responsabilidade. Pela regra eu deveria cancelar essa partida, o jogo não poderia acontecer e a gente liga para o presidente que está organizando o Campeonato e explica a situação: “Está acontecendo isso, isso e aquilo, realizo a partida ou não?” “Realiza! Então se realiza tu te responsabiliza?” “Me responsabilizo!” E a gente toca igual, nunca aconteceu algo grave, nenhuma partida, mas pode vir acontecer e isso é um fator bem problemático assim...

M.M. - E a última pergunta: você já falou alguns pontos, mas você falou que teve experiência em outros Gaúchões e para esse ano que entrou time de camisa com certeza você deve ter sentido diferenças peculiares advindas da entrada desses times de camisa. E

eu queria saber qual a tua visão sobre essa contribuição do ressurgimento desses dois times no campeonato?

P.J. - Eu estou ainda analisando se tem mais fatores positivos ou negativos com a entrada dos clubes de camisa, no caso aqui os clubes de camisa que a gente está falando é Grêmio e Inter aqui no Rio Grande do Sul, porque as outras equipes que teriam assim um nome. Ainda não colocaram uma equipe, mas como ponto positivo talvez eu posso destacar é que querendo ou não querendo as equipes atraem um público a mais, atraem patrocinadores a mais, atraem um olhar que um futebol feminino aqui no Rio Grande do Sul não vinha tendo, isso é um fator muito positivo. Os jogos das finais por exemplo, repercutiu muito, se tu entrar hoje para assistir os jogos e os pênaltis da final tem mais de cinquenta mil acessos no Youtube, então por esse lado é muito bom; por outro lado as equipes de menor expressão que é essas que a gente estava conversando um pouco, elas não conseguem se igualar a essas equipes de camisas e acabam entrando sempre na desvantagem já no campeonato. Não que a estrutura financeira ela seja tudo, mas uma estrutura, um apoio, um aporte, um patrocinador, te proporciona coisas a mais e proporciona que a tua jogadora consiga treinar cinco, seis vezes na semana e competir no domingo, que é o que acontece com as equipes de camisa. Com essas equipes menores, não. As meninas trabalham, estudam, se reúnem uma, duas vezes na semana e não ganham nada para isso e acabam indo para jogar com uma equipe dessas e tomam 10x0, 20x0, isso é desmotivante, não só...

M.M. - Uma saída seria a se própria Federação desse a contribuição para esses clubes...

P.J. - Não só para quem assiste, mas para quem joga também. Para quem apita já é ruim, imagina para quem joga. A expectativa é que esse ano a Federação assuma o Campeonato Gaúcho, não sabemos ainda de que forma, mas a Associação Gaúcha³⁵ ficaria com os Campeonatos de Base Sub-13, Sub-15 e Sub-17 e a Federação Gaúcha assumiria a categoria principal. Ainda não se sabe de que forma que esse investimento aconteceria, porque as equipes menores teriam que ser federadas e para ti ser federada tem um valor bem grande para pagar para a Federação. Então não sei se essas equipes tem essa condição de se federar ou se a Federação vai dar alguma condição especial para que essas equipes possam participar do Campeonato Gaúcho. Não sei ainda como isso vai funcionar, se

³⁵ Associação Gaúcha de Futebol Feminino.

existissem condições melhores para essas equipes. Eu acho que a Federação assumindo o nível seria outro do Campeonato, óbvio, para nós da arbitragem também mudaria. Não temos nenhuma árbitra federada, então vocês não iam ver nenhuma mulher apitando partida. Então, eu não sei te dizer muito bem assim, se é bom ou se não é bom a entrada dos times de camisa no Campeonato. Eu acho que é um longo caminho, elas entraram o ano passado, desde 2001 essas equipes não existiam, mas as outras sim, as equipes menores sim, sempre participaram do campeonato. Inter e Grêmio começaram em 2017, então, de certa forma essas equipes de camisa vão ser privilegiadas nesse Campeonato e as outras que sempre existiram como vão ficar? São muitas perguntas que eu também tenho, se é bom ou não é bom, eu só sei que tem várias coisas que a gente tem que pensar. Não em função do privilégio dessas equipes de camisa, mas pensar nas equipes menores, como que elas vão se estruturar ou como que talvez a Federação vá dar um apoio para que elas se coloquem em condições melhores para participar de um Campeonato Gaúcho. Porque, querendo ou não querendo, mesmo a Federação assumindo o Campeonato, ela dá vaga para dois no Campeonato Brasileiro e até pouco tempo dava para a Copa do Brasil que não existe mais. Eu acho que eu tenho mais pergunta para te fazer em relação a esse tema do que para te responder, mas são coisas que a gente tem que pensar.

M.M. - Está bom, Pamela. Muito obrigada pela a entrevista, foi demorada. E obrigada pelo detalhamento. Obrigada mesmo e eu vou estar na torcida te acompanhando, espero que você tenha muito sucesso, que a Federação abra o curso e que a gente vá prestigiar mais jogos seus.

P.J. - Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]